

campo

experimental

ÂNGELA FERREIRA

em colaboração com

ALDA COSTA

curadoria de

PAULA NASCIMENTO | ÁLVARO LUÍS LIMA



1.

Escultura (Simione)

2003

sândalo

24 x 27 x 25 cm

Col. Alda Costa



2.

Taipatim

2024

corda de cânhamo,
faia, ferro, mogno
163 x 80 x 134 cm

3.

Secretária (Luis Ralha)

1979-83

corda de sisal, jambire
80 x 145 x 180 cm
Museu de Arte (MUSART),
Maputo

4.

Candeeiro (Lar Moderno)

c.1980

lâmpada, madeira
não identificada
30 x 16 x 16cm
Col. Alda Costa

5.

Cadeirão (Luis Ralha)

1979-83

jambire, pano
76 x 74 x 69,5 cm
Col. Alda Costa



6.
Cadeiras biodigestores
2024
pvc, faia, latão, mogno,
pano
241 x 155 x 70 cm

7.
Parabolóide hiperbólico
2024
algodão, bambu,
cimento, PVC, tapeçaria
de Quelimane em lã
(Col. Alda Costa).
144 x 155 x 154



8.
2 Mulheres
2024
Xilogravura (Matias Ntundu), Cooperativa de Nandimba, 1983, edição de 100, 27,5 x 22,5 cm (Col. Alda Costa), reprodução fotográfica

9.
Desenho (Malangatana)
1985
tinta da china sobre papel
21 x 15 cm
Col. Alda Costa

10.
Desenho (Malangatana)
1983
tinta da china sobre papel
29 x 20 cm
Col. Alda Costa

11.
Xilogravura (Matias Ntundu), Cooperativa de Nandimba
1985
nº 58/70
17 x 27,5 cm
Col. Alda Costa

12.

Viola (Niassa)

1994

cordas de nylon, lata,
madeira, pele de cobra

10 x 62 x 17 cm

Col. Alda Costa

13.

Candeeiro

2024

laminado de faia

321 x 107 x 107 cm





14.

TBARN mobilizar a natureza

série de fotografias

1979

reprodução fotográfica

Revista Tempo nº448,

pp 16-21

fotos: Kok Nam

15.

Tear

2024

ferro, mogno

102 x 329 x 142 cm



16.
Banco (Pancho Guedes)
c.1960
45 x 180 x 47 cm
Col. Alda Costa

17.
Candeeiro (Lar Moderno)
c.1980
lâmpada, madeira
não identificada
47,5 x 15 x 15 cm
Col. Alda Costa

18.
Cadeira Malawi 50
c.1994
madeira não identificada
95 x 85 x 18 cm
Col. Alda Costa

19.
*Campo Experimental
do TBARN, UEM*
série de fotografias
(Ângela Ferreira)
2011
reprodução fotográfica

20.
Mesa de oito lugares
- Emulação Socialista
(Luis Ralha)
1979-83
73 x 145 x 80
Col. Alda Costa

21.

Manual TBARN

- O que é o adobo?

Manual TBARN

- O que é o bambú?

Manual TBARN

- O que é o biodigestor?

Manual TBARN

- Programa de latrinas
melhoradas

- Excertos do Manual
de apoio ao estudo
das queimadas

e o aproveitamento
correcto da terra para
cultivo, Universidade
Eduardo Mondlane

- Excertos do livro
Eu, o Povo de António
Quadros.



22.

*Quebra cabeça de
Moçambique (Socimo),
jogos Coluna Brinquedos
cartolina*

37 x 27,5

Col. Alda Costa

Campo Experimental: Ângela Ferreira em colaboração com Alda Costa aborda pesquisas materiais e ambientais realizadas nos primeiros anos da independência de Moçambique. O título da exposição é o nome de um laboratório agrícola mantido no campus da Universidade Eduardo Mondlane, onde funcionários, investigadores e estudantes trabalharam em conjunto para produzir alimentos, conceber recursos, ferramentas, estruturas, e formar agricultores e técnicos comunitários. Este espaço experimental foi coordenado pelo TBARN (Técnicas Básicas de Aproveitamento de Recursos Naturais), um grupo de investigação formado nos primeiros anos da revolução pós-independência para melhorar a vida das populações rurais com recursos mínimos. Ângela Ferreira baseia-se nos restos visuais e textuais do TBARN para revelar o espírito revolucionário que fez de Moçambique um centro mundial de experimentação radical na década de 1970 e início da década de 1980.

Campo Experimental irá viajar para o Museu Nacional de Arte, em Maputo, Moçambique, no final de 2024. A exposição expande a prática de investigação de Ferreira e a sua procura pela contemporaneidade do passado.

Ferreira olha para um momento em que a arte e a experimentação cultural foram centrais na formação de um projeto revolucionário. A artista segue o exemplo de Albie Sachs, o militante sul-africano antiapartheid, quando relata uma importante lição política em viver em o exílio forçado em Maputo durante os primeiros anos da independência: “Moçambique ensinou-me que a arte é importante.” A obra de Ferreira chega a uma conclusão semelhante pelo lado inverso: ferramentas práticas e metodologias técnicas são evidentes na sua criatividade e sofisticação visual. Todos os aspectos da exposição destacam a estética do TBARN: as cores vibrantes das paredes baseadas no panfleto informativo da universidade

(*Queimadas*, 1977), o uso multifuncional de materiais simples, a ênfase nas formas angulares dos objetos destinados ao uso pragmático. O pensamento estético torna-se um método produtivo para reimaginar os aspectos da vida rural sob um novo modelo de colectividade. A artista enfatiza o carácter experimental do TBARN ao transformar algumas de suas estruturas em objetos estritamente estéticos. Todas as obras da exposição inutilizam os seus elementos de forma lúdica: biodigestores sustentados por cadeiras, uma estrutura hiperbolóide montada em baldes de plástico, ou um taipatim¹ colocado sobre uma secretária. Em alguns casos, a artista distancia ainda mais os objetos do uso pretendido, alterando as suas escalas originais, no caso de um candeeiro transformado em uma escultura de grande escala. Esta abordagem lúdica lembra o dadaísmo, uma influência vanguardista que esteve presente na cultura moderna moçambicana.

O carácter marxista-leninista do gover-

1 Taipatim é uma máquina de fabricar tijolos de adobe.

no moçambicano depois de 1977 pode induzir alguns a pensarem que a relação do país com o socialismo é dogmática. Ainda assim, a engenhosidade do período oferece-nos um quadro mais complexo. Para os estudantes da Universidade Eduardo Mondlane, o materialismo de Karl Marx não era histórico e dialético, mas jocosamente referido como “histórico e diabólico.” Na verdade, muitos na universidade estavam comprometidos com a revolução sem perder o seu sentido irónico. Entre eles destaca-se o coordenador do TBARN, António Quadros, que elaborou uma farsa ao enviar a sua coleção de poemas intitulada *Eu, o Povo* (1975) a um crítico literário, para que fosse descoberta como um tesouro da Guerra da Independência. Quadros – um homem branco e instruído que não participou na luta armada – assinou a coleção sob o nome aparentemente africano de Mutimati Barnabé João com a intenção de que a obra fosse considerada o diário de combatente caído na luta armada. Lama

e sangue foram borrifados na cópia para adicionar um efeito dramático extra, e este esquema despertou o interesse dos quadros políticos pelos poemas. No entanto, ao ler o livro, fica claro a presença de um idealismo muito além da mera ironia, revelando a motivação do intelectual de trabalhar sob princípios socialistas à sua maneira. Scúru Fitchádu, artista convidado, faz referência à colectânea de Quadros na performance *Eu, o Povo (Eu de Novo)*. A experimentação sonora amplifica o ambiente das instalações de Ferreira por trazer à tona as ambivalências da época.

Tal como a poesia de Quadros, o TBARN agiu de acordo com os seus objetivos ao mesmo tempo que expressava uma abordagem experimental à política radical. O trabalhoso e o lúdico complementaram-se para estimular a ética de trabalho e a imaginação necessárias para os objetivos ambiciosos de transformação social. Ferreira destaca um diálogo entre muitas figuras e métodos visuais que mostram que o traba-

lho colectivo da época não se sobrepunha à excentricidade e a expressão individual dos trabalhadores culturais que construíram o socialismo moçambicano. Em vez de engenheiros e agrónomos – especialistas em alta demanda na altura – o projecto foi impulsionado por um público mais artístico, interessado nas artes visuais, na música, na escrita, no cinema e em vários empreendimentos académicos que incorporaram na sua visão de reforma rural. Mostram-se na exposição, fotografias de Kok Nam do campus experimental do TBARN que evidenciam esse olhar estético em relação ao projeto. Imagens mais recentes tiradas pela artista sustentam esse olhar e mostram vestígios da época que ainda hoje são visíveis no campus. O seu trabalho recupera fontes de arquivo danificadas e relatos pessoais que rapidamente desaparecem como um acto de resistência contra o apagamento deste período da história de Moçambique. Ela estuda o momento socialista de Moçambique como

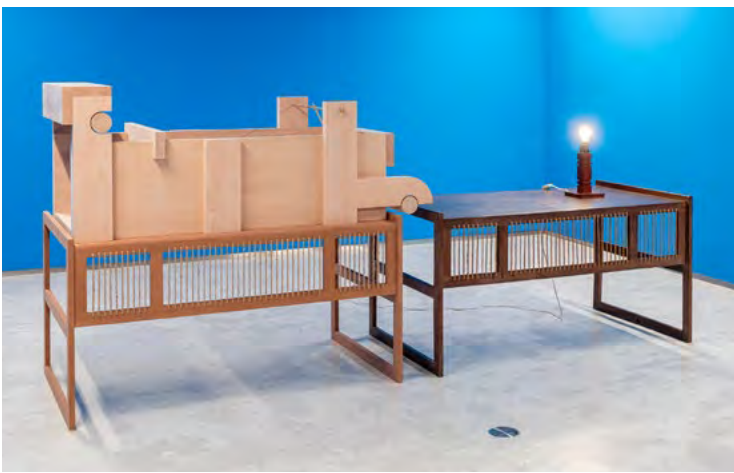
historiadora, mobilizando os sinais visuais do TBARN para novas questões sobre o passado e a sua importância hoje.

O Campo Experimental também emerge do diálogo contínuo da artista com Alda Costa, historiadora de arte pioneira e trabalhadora cultural moçambicana, cuja experiência vivida durante o socialismo e os estudos subsequentes a tornam memória viva de um momento incomparável na história cultural. A exposição apresenta objetos históricos do acervo pessoal de Costa ao lado da obra de Ferreira. O design destes objetos destaca a priorização das condições materiais na vanguarda da produção cultural do período. Pedacos e placas de madeira descartados, por exemplo, foram recuperados pelo designer Luis Ralha, diretor do Gabinete Design Industrial, para construir móveis e outros objetos duráveis e elegantes. Estes incluem a mesa de jantar de Costa e o candeeiro, este último feito por Ferreira em escala monumental. Estes objectos sugerem que as

soluções criativas do TBARN para as dificuldades materiais eram um modo de pensar no Moçambique socialista. Através de um diálogo com Costa e a história que a sua coleção incorpora, o trabalho de Ferreira investiga histórias que expressam simultaneamente o pragmatismo político e ludicidade criativa, sendo ao mesmo tempo enraizadas localmente e com relevância internacional.

Álvaro Luís Lima e Paula Nascimento

campo experimental
ÂNGELA FERREIRA
 em colaboração com
ALDA COSTA



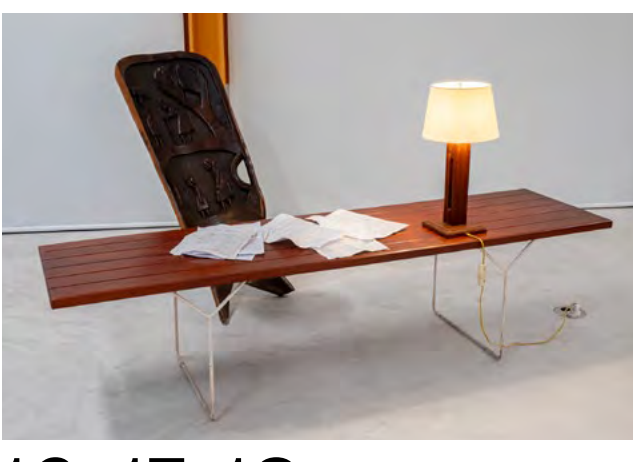
2, 3, 4



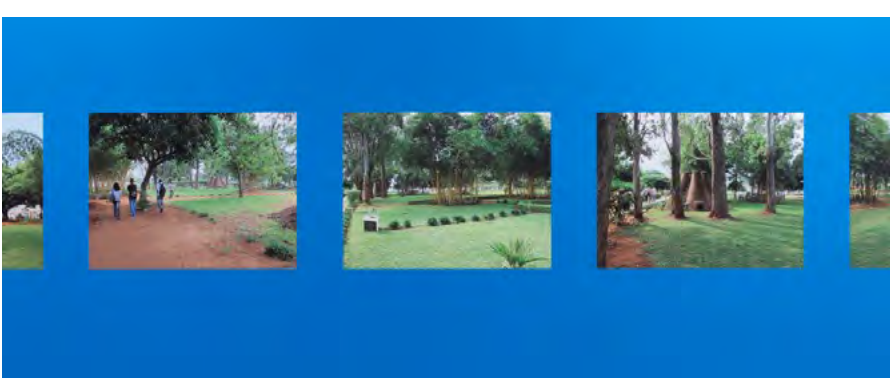
5



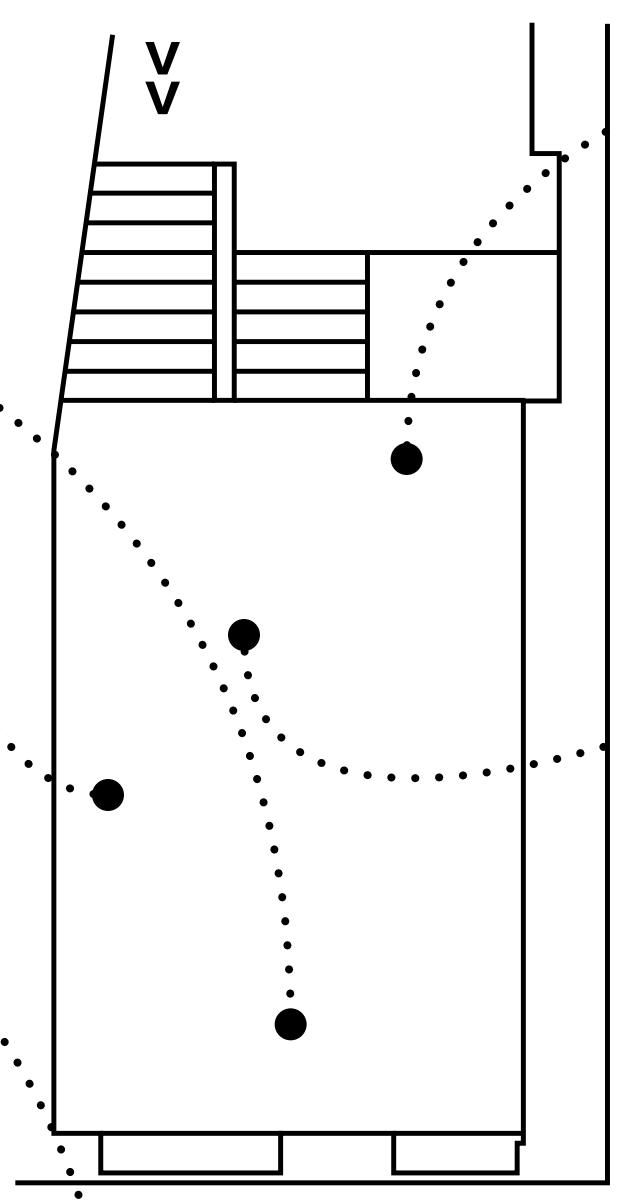
1



16, 17, 18



19



mezzanine



6



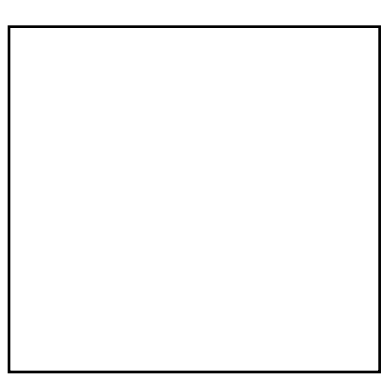
14, 15



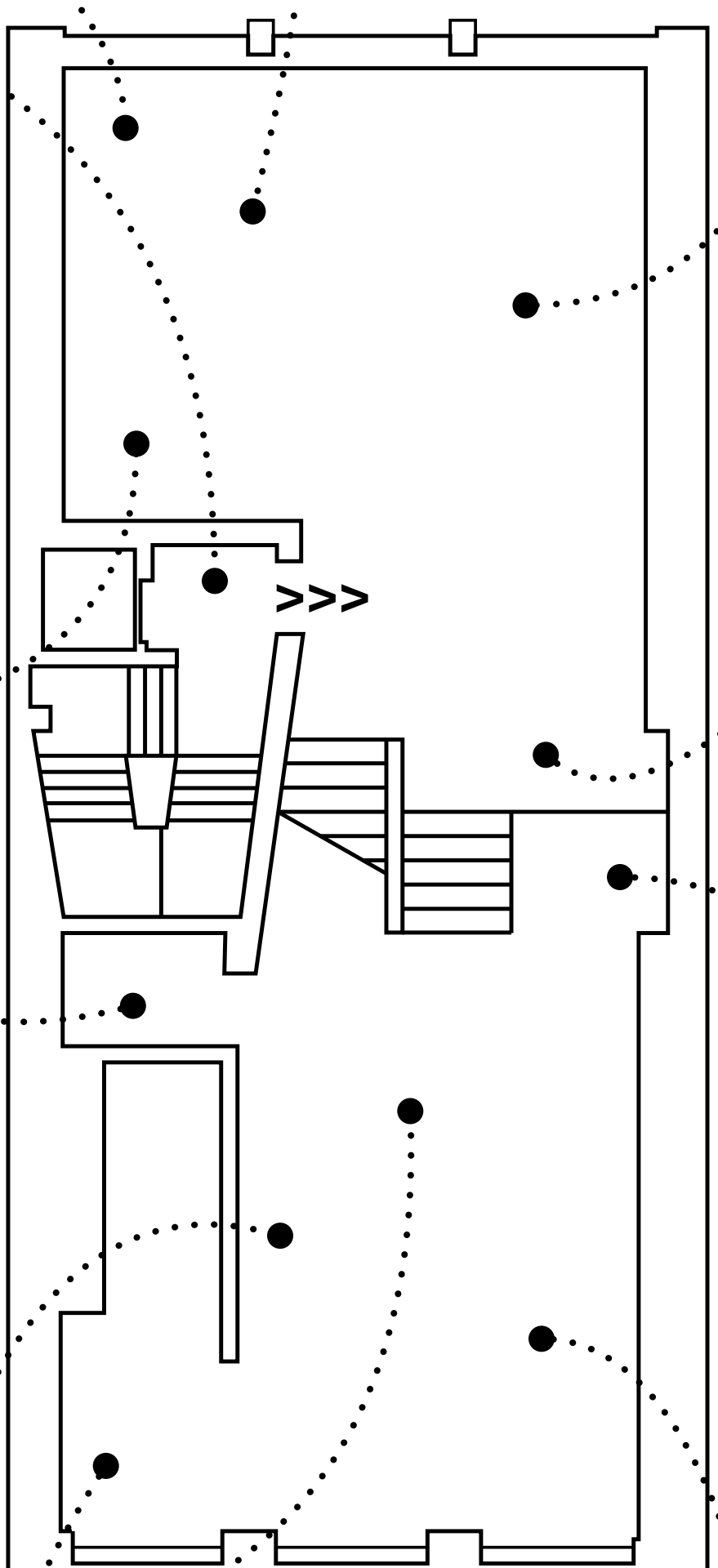
21



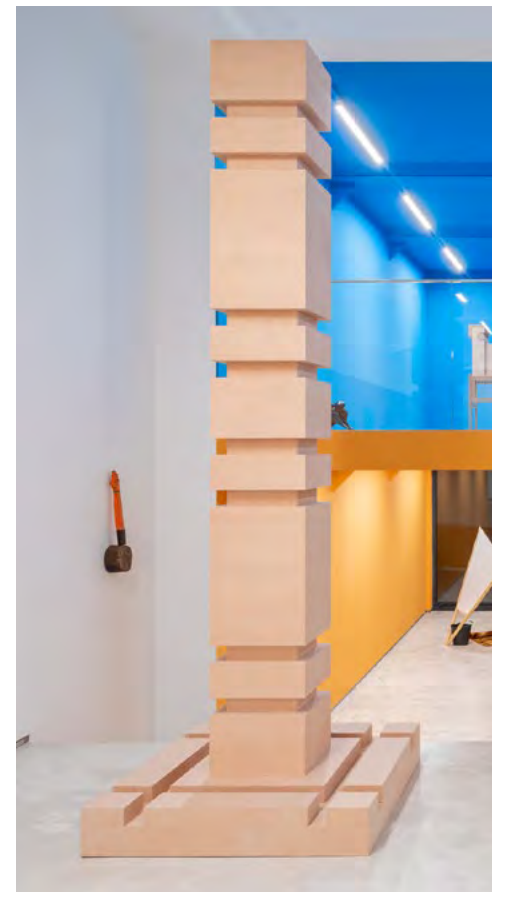
20



22



level 1



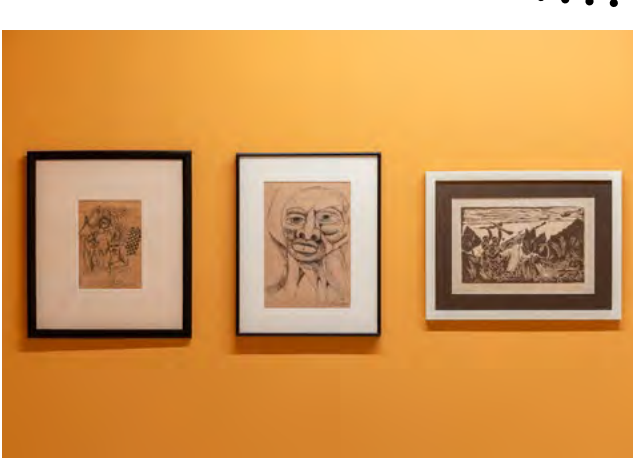
13



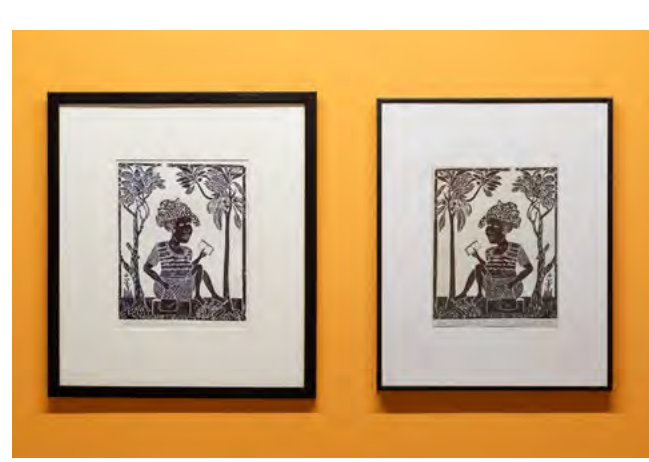
12



6



9, 10, 11



8



7

